



**PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS**  
AUTORIZADA CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIRE-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL

# O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro Fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

18 de Agosto de 2007 • Ano LXIV • N.º 1655  
Preço: € 0,33 (IVA incluído)  
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre João Rosa • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913  
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285  
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239



## BENGUELA

# Só o amor é resposta

**A** mãe chegou com o seu bebé. Vem à busca da ajuda do Infantário, onde vai crescer num ambiente de carinho e ternura. Queremos ver as crianças, desde o seu primeiro nascimento, com o necessário ao seu desenvolvimento, para serem felizes.

Estas mulheres, agora mães, vieram das suas aldeias, no interior, acossadas pela guerra. Muitas delas encontraram o seu refúgio seguro no apoio da nossa Casa do Gaiato. Os filhos nascem, muitas vezes, fora da família constituída, mas não os matam, antes de nascerem. Têm respeito pela vida, como valor humano primeiro. Daí vem o cuidado de encontrar o pai para assumir a sua responsabilidade. Um passo importante foi dado nesta linha. O registo das crianças, até aos cinco anos, será gratuito por um período de tempo determinado.

O bebé, de quem vos falo, já deu entrada no Infantário, a estas horas. Sabe-se quem é o pai. Dentro de pouco tempo, terá a cédula com o registo completo. Será menos um filho de «pai desconhecido». Mais um passo foi dado, na subida da montanha, onde mora uma multidão de filhos à espera da nossa mão. Quem me dera ter tempo e paciência para

queimar o lixo e transformá-lo em chão fecundo pelo fogo da Caridade! São passos pequeninos, ao jeito do andar das crianças, que resolvem problemas de fundo.

As aulas do terceiro e último trimestre recomeçaram hoje. O caminho que estamos a fazer é seguro. Sabemos para onde vamos. Investimos o que temos em sector muito importante da vida

das crianças. A subalimentação a que estão sujeitos, desde pequeninos, muitos filhos do Povo que frequentam a nossa Escola, é uma das causas do fraco aproveitamento escolar. Não podemos atingi-los na totalidade para remediar tão grande mal. Nem por isso estamos parados. Queremos ir mais longe. Ah, se nos dêsseis as vossas mãos cheias de amor verdadeiro, a meta estaria cada

Continua na página 4

## O Padre Rafael

**N**UM momento, como este, em que sentimos algumas nuvens no horizonte existencial da Obra da Rua, nomeadamente no que toca à falta de continuadores e servidores, a vinda do Padre Rafael, sacerdote espanhol, oriundo da Diocese de Saragoça, é um sinal de esperança; um raio de luz neste céu enevoadado.

É que, como dizia um dos nossos Bispos — que bem nos conhece — um dos principais referenciais de uma Casa do Gaiato é o Padre. Ele é o pai. É a referência, é a alma. É para Cristo que tudo converge; é no apelo dos Rapazes que tudo se consuma, mas sem Padre não há Casa da Gaiato, assim concluía o ilustre Prelado.

Num tempo difícil de vocações, é, de facto, muito bela e generoso o gesto do Senhor D. Manuel Ureñas, Bispo de Saragoça em oferecer à Obra da Rua um dos seus Padres; gesto que muito agradecemos ao Senhor da Messe.

Este gesto audacioso e confiante, vindo de uma Diocese que, como as nossas, por cá, luta, também, com a dificuldade de Clero, é também um desafio que traz a marca do vocação missionária a que toda a Igreja é chamada. Mais um motivo de acção de graças.

Queremos lembrar que o Padre Rafael partirá com o Padre Telmo para a Casa do Gaiato de Malanje.

É claro que sobemos da crise vocacional que quase todas as nossas Dioceses atravessam; comungamos na aflição dos nossos Bispos, principalmente a daqueles que têm Casa da Gaiato na sua Diocese. Também não somos alheios à renovação pela qual a Obra da Rua deverá passar. O chamamento ao serviço da Obra nunca se esgotou de modo algum na vocação do padre da rua. Há lugar para outros, outras.

São necessárias e indispensáveis as vocações laicais, principalmente femininas, senhoras e casais que, de forma organizada e estruturada sejam um bom e indispensável complemento educativo, numa linha de complementaridade.

A vinda do Padre Rafael para a Obra é, pois, um motivo de grande satisfação para todos nós, principalmente para o nosso Padre Telmo que a partir de agora conta com um companheiro e irmão nesta lida apostólica.

Continua na página 3

## MALANJE

# Promoção humana

**O** senhor engenheiro Fernando Correia ofereceu-nos um gerador de 250 kva. Agradeço, comovido. «Não me agradeça, no fim não o poderia levar às costas». Pois não. A seguir, colocou em cima três bolsas de estudo: «Promover o homem». Coisa bonita — aqui e agora!

Ele vai pôr as nossas oficinas a trabalhar com mestres e obras. O principal objectivo é a promoção dos nossos Rapazes.

Somente música e vender pentes nas ruas, não dá. A juventude fugiu, quase toda, para as cidades. Regressamos aos campos e demos asas ao potencial de riqueza que a terra está guardando. Mais fácil encontrar uma pedrinha num rio profundo; e o Povo continua mergulhado nos produtos importados e no álcool.

A tal lei que matasse o álcool e desse ao Povo uma razão para lançar as sementes nas terras férteis.

— O senhor está sonhando... Petróleo e diamantes bastam para a nossa riqueza.

— O Povo não come isso e está minguando... minguando.

O Engenheiro Fernando tem razão — sem a promoção do homem, nada feito.

\*\*\*

Todos estamos ansiosos pelos frutos da Escola Agrária do Quessua — uma grande escola em edifícios, localização e campos.

Continua na página 4

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**SOLIDARIEDADE E COERÊNCIA** — «Pega num sorriso e oferece-o a quem nunca o teve. Pega num raio de sol e fá-lo voar até onde reine a noite...»

Este belo e sugestivo pensamento, extraído de uma das inúmeras publicações que mensalmente nos chegam, deu o mote a este Editorial, reflectindo o sentir desta edição e até a própria orientação do Órgão que a sustenta.

De facto, o dever de ser solidário, de estar disponível e de ser acolhedor é, originariamente, um dever cristão e, reforçadamente, um dever vicentino.

Os homens são iguais nos seus direitos, na condição e na dignidade. São diferentes na forma de pensar e de abordar a vida. O Criador dotou-os dessa liberdade.

Mesmo diferente, no sentir e no agir, o homem pode fazer muito por si, pelos seus irmãos, pela criação em geral e pode fazer mais e melhor por tudo o que o envolve, e em particular pelo meio em que se insere.

Assim, quando o homem se assume com todas as suas virtualidades humanas, é capaz de esbater barreiras e estabelecer cadeias de solidariedade.

Mas atentemos nesta precisão: ser hospitaleiro consiste em acolher alguém 'estranho'. Mas quem é o estranho? É esse sujeito que não faz parte do meu universo racial, social, religioso, linguístico, cultural e/ou económico.

Hospitalidade significa, assim, acolher ao outro na minha 'casa' e fazer o possível para que ele se sinta como na sua. A casa aparece aqui na definição não como espaço geográfico ou físico, mas como espaço ético.

A casa existe enquanto tal quando se dá lugar de intimidade e de reconhecimento do outro. Quando nela se respeita a liberdade alheia e a sua privacidade. A casa funciona como espaço de resguardo das intempéries, para defender dos inimigos e das situações inoportunas.

Acolher o outro é disponibilizar o meu espaço para o outro, mas sem o neutralizar. Isto requer, antes de mais nada, o reconhecimento do outro, do seu direito de existir, da sua dignidade e das suas necessidades. Reconhecer a dignidade do outro significa partir da convicção de que o outro não é um instrumento, mas um fim em si mesmo. É uma pessoa, criado à imagem e semelhança de Deus, e como tal, não tem valor pelo que faz ou pelo que diz, pelo que não faz ou deixa de dizer, mas tem valor em si mesma pelo simples facto de ser pessoa. Tem, aquilo a que se chama **dignidade intrínseca**, isto é, algo que não depende de elementos externos ou voláteis com o tempo ou as circunstâncias.

(...) Por que todo o ser humano é pessoa, enquanto tal, tem direito a ser acolhido.»

Pe. Fernando Soares, CM.  
In «Escalada», do Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo

**PARTILHA** — «Estou a enviar a minha participação de quatro meses (600 euros). Apliquem-na no que mais precisarem. Como sempre, não quero recibo nem agradecimentos. É a minha obrigação em quanto puder. Embora nem tudo corra pelo melhor, continuo a dar graças a Deus e a pedir-Lhe a Sua luz, para mim e para os meus, e para o mundo, pois há muita falta de fé. Vive-se o dia-a-dia e vão-se perdendo os valores recebidos. Cumprimenta Beatriz.»

Lourdes, de Cacém: «Como é hábito enviar, 300 euros, muito pouco para tanta pobreza à volta de vós. A vida está mais difícil e cada vez temos mais pobres».



## Paço de Sousa

**CASAMENTO** — Em 28 de Julho celebrou-se o casamento da Maria e do Paulo («Merendas») que é o motorista, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa. A cerimónia realizou-se na Igreja Paroquial de Moreira do Rei, Fafe, terra natal da noiva.

A celebração da Missa decorreu por volta das

03h00 e foi presidida pelo nosso Padre Carlos, concelebrada pelos nossos Padres João e Manuel Mendes.

No fim da celebração, fomos para o «copo de água» em Serzedelo, Guimarães. Tudo correu da melhor forma. Para além dos nossos Padres estiveram presentes alguns antigos gaiatos e alguns Rapazes mais velhos residentes na Casa.

Desejamos as maiores felicidades para a Maria e para o Paulo.

Hugo Cruz

Os Pobres agradecem.

Eis o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

## Setúbal

**FUTEBOL** — Em simultâneo ao Torneio de futsal, realizado no pavilhão da Quinta e organizado pelo segundo grupo da praia, foi organizado um outro pelo primeiro grupo, na Arrábida, no campo da bola em frente da casa. Cada equipa inscrita, identificava-se com alguns nomes de clubes profissionais: F.C. Porto, Barcelona, Real Madrid e Manchester Utd., foram nomes escolhidos. Estes torneios, ao contrário de outros no passado, tiveram fim!

No torneio da Quinta, a equipa vencedora era formada pelo «Ceguiño», Júlio Costa, «Alentejano», «Bebezão» e Nelson Júnior; tendo o «Manobras» conseguido o prémio de mérito de melhor marcador.

O clube vencedor no torneio de férias, realizado na Arrábida, foi o F.C. Porto, que era formado pelo Amílcar, Igor, Mário João, Rúbem e eu (Danilo Rodrigues), tendo derrotado, na final, o Barcelona.

O melhor jogador foi o Wilson, a votos dos colegas. A alegria dos Rapazes vem da alegria de quem os vê!

**FÉRIAS** — Agora, sim, pode dizer-se que o segundo grupo começou as férias. O primeiro já voltou

para a Quinta, e deu lugar aos Rapazes que ainda não tiveram férias.

Infelizmente dois ou três não terão as férias que poderiam ter, devido ao seu rendimento escolar, mas pode ser que assim seja mais apropriado para ver se vêem o caminho com o coração e não com os olhos!

Resta-me, agora, desejar umas boas férias aos que ainda não puderam deitar-se ao sol.

**PORTO** — Em 25 de Julho fui, com o nosso Padre Júlio, ao Porto, à Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Ao chegarmos, fomos ao viveiro de Castromil buscar laranjeiras, para plantarmos na nossa eira, que a senhora D. Lurdes nos ofereceu.

Também trouxemos uma sineta nova para substituir aquela que, todos os dias, nos orientava no horário, e que estava partida.

Chegámos a Paço de Sousa e fomos muito bem recebidos.

Almoçámos lá e conversámos sobre o que acontecia no dia-a-dia.

A seguir, o Hugo, que é um Rapaz da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, mostrou-me como funcionava a tipografia onde se edita O GAIATO... Fiquei espantado!

Esta viagem foi curiosa porque, para além de ir a Paço de Sousa, tive,

também, a oportunidade de ficar a conhecer melhor a cidade do Porto, com as indicações do nosso Padre Júlio.

Danilo Rodrigues

## Azurara

As férias chegaram ao fim e, com elas, a recordação de três semanas bem aproveitadas e agradáveis.

O tempo esteve, quase sempre, bom e, entre a praia e outras actividades culturais, aproveitámos os ensinamentos, a calma, a alegria, o silêncio, a oração e a brincadeira.

A pele regressa a Casa mais escura e os músculos mais cansados, mas a mente mais aberta e com a sensação que soube a pouco.

Vamos felizes, a saber pular melhor, a saber fazer «tererés» (tranças nos cabelos com fios coloridos), a conhecer um pouco melhor a água e as suas características, preservação de espécies, sabendo quem foi José Régio — e com vontade de regressar no próximo ano.

Até lá!

Almeidinho

## RETALHO DE VIDA

Eu sou o Gabriel Francisco, filho de Francisco Armindo e de Josefa Nicolau. Natural de Malanje onde nasci a 16/02/1987, no Bairro da Maxinde.

Quando perdi os meus pais, fui viver com um tio. Vim para a Casa do Gaiato com 9 anos. Agora, estou a fazer a 10.ª classe no Instituto de Ciências Religiosas de Angola (ICRA).

Aos 16 anos fui um dos chefes da piscina, juntamente com o Mateus, Dony, Dodó e Pereira (que é o actual chefe maior). Não foi fácil manter a ordem nesta Casa, mas tentámos.

Durante a minha infância, sonhava ser professor de Educação Moral e Cívica. Hoje, sigo o meu ideal com perseverança. Todos nós sabemos que cada pessoa é um mistério: é única no seu corpo, no seu espírito e no seu coração. Todos somos dotados de inteligência que nos torna capazes de pensar e compreender, de ver as coisas de modo diferente dos outros porque também somos dotados de imaginação, o que nos torna capazes de criar.

Na verdade, estou feliz por estar na Casa do Gaiato que faz de mim um homem.



Gabriel Francisco

## Inquietação sacerdotal

«Pelo jornal O GAIATO, procuro acompanhar a maravilha que é a Obra da Rua e o bem imenso que vai fazendo, em favor dos Rapazes que podem aproveitar o bem que lhes é feito.

Por isso, sinto-me no dever de colaborar da maneira que me é possível. Vai, pois, o cheque, junto, para o que entenderem.

Assinante 39326»

## MOMENTOS

## Baptizei treze gaiatos e uma menina

**P**ADRE Telmo privou-se de viver preciosos momentos deixando-os para mim. Não é de admirar na sua Pessoa. Sempre assim foi. O trilhinho está-lhe marcado de tal maneira na alma que o melhor dele é sempre oferecido aos outros!...

O segundo Domingo que passei em Malanje, já como pai desta Casa em Portugal, estava destinado à celebração de treze baptismos, quinze primeiras comunhões e vinte e três crismas.

Por causa do espaço, para melhor controlo e, sobretudo, para que a Palavra de Deus seja dirigida e explicada a comunidades diferentes, em idades, estados, línguas e culturas diversificadas, os Rapazes, normalmente, celebram a Eucaristia no sábado, à noite, com algumas pessoas mais íntimas, enquanto o Povo das aldeias vizinhas se junta ao Domingo, às 09h30.

Nesta vigília, baptizei os treze Gaiatos e uma menina, de fora. Os nossos Rapazes eram todos crianças, só um adolescente!

A preparação foi feita com todo o cuidado, com um dia fora do ambiente normal, com um sacerdote a acompanhá-los. Eu conversei com cada um elucidando-os da riqueza que o Baptismo trazia às suas pessoas. Eles que eram simples filhos de homens — muitos com pais, por abandono ou morte, acarinhados na Casa do Gaiato, iriam ser adoptados por Deus, como seus filhos e, pela acção do Espírito Santo, convertidos em irmãos de Jesus com os mesmos direitos que Ele, amados pelo Pai com a mesma intensidade de Amor!... «Este é o Meu Filho muito amado».

Assim grita dentro de nós a eloquência da nossa Fé e nos ilumina o coração com mais clareza que o próprio sol malanjino com tons diáfanos muito parecidos, nesta época, com os do Algarve, em Portugal.

Que emoção! Meu Deus!...



Grupo dos crismandos acompanhados do Senhor Bispo D. Luís Maria.

Lançar sobre as negras cabecinhas a água santificadora, em nome da Igreja de Jesus e, n' Ela, invocando sobre cada uma a Santíssima Trindade, tal como mandou o Senhor: «Ide por todo o mundo!...» Realizai esta maravilha!...

Por causa da distância, pela novidade, pela pobreza que me são dadas a viver — esta celebração transmitiu-me um gozo inaudito que eu não trocava por nada deste mundo... Comunicava a Paternidade Divina aos filhos de ninguém, no coração de Angola!...

Estavam lindos, resplandecentes, nos seus corpinhos cuidados, alma limpa e roupa digna!

Beijá-los, apertar-lhes a cabeça contra o peito, era saborear a doçura indizível de quem abraça Jesus.

Os Rapazes cantavam — vozes de crianças e de homem, em coro bem afinado e entusiástico — produziam melodias que me pareciam semelhantes aos coros celestiais.

Que bem me fez à minha alma!

No outro dia veio o Senhor Bispo.

Os crismandos, gente dos 16 aos 19 anos, um grupo grande

de Rapazes, mas nem todos conscientes.

A adulez do baptismo que a confirmação pretende produzir na consciência de cada pessoa, não me pareceu pesar muito na perspectiva sobrenatural que devia ser assumida.

Bem lhes falei do que é ser testemunha de Cristo e de como o Espírito Santo está à nossa disposição com a Sua força santificante e fortalecedora, se O desejarmos, nos abirmos a Ele e O pedirmos ao Pai.

Bem lhes falei!... Mas!... Nem todos escancararam a alma.

O espírito do mundo, impondo-se por toda a parte, começa a iludi-los. A carne com as suas paixões atrai-os e o folclore torna-se mais agradável que o compromisso.

As madrinhas, a exibição, a festa pareceram arrebata-los mais que a própria essência do Sacramento.

Nem todos. Alguns foram sérios e capazes de pôr as coisas no seu lugar, distinguindo o essencial do acessório.

O Senhor Dom Luís Maria falou com muito apreço da Obra da Rua e enorme estima pelo Padre Telmo que fundou esta Casa e a aguentou nos duros e terríveis anos de guerra.

Dirigiu-se, carinhosamente, aos Rapazes esclarecendo-lhes a responsabilidade que assumiam perante Deus, a Igreja e a sociedade.

Todos somos precisos para a construção do Reino de Deus!... Os trabalhadores nunca foram muitos e parece que, nestes tempos, são cada vez mais raros!

Os da Primeira Comunhão exibiam uma alegria inocente que a todos contagiava, recolhidos no seu primeiro contacto físico com o Pão da Vida!

Também foram alvo de viva ternura do nosso Pastor e Pai na Fé; e fonte de imensa consolação para quem o preparou e com eles comungava.

## DOCTRINA



A Casa do Gaiato do Porto nasceu no Mercado do Anjo!...

**N**ÃO é de agora. Tem a data de 12 de Abril e nós estamos em Agosto, mas não perde pela demora. Vem a tempo. Se há mais tempo a não demos à estampa, é que elas, as cartas, são muitas e o jornal é pequeno. Só por isso e nada mais. Eu estou de alma e coração com tudo quanto este senhor afirma, no qual aprouve assinar o seu nome inteiro e dizer-se meu amigo.

**O**BRIGAÇÃO do Estado, da Igreja e do Povo, todo o Povo. E até o próprio Mendigo tem obrigação de se libertar do seu estado, sinceramente e honestamente. Peço perdão a todos quantos me lêem de me ter sentado um bocadinho na cadeira ou, como diria o «Periquito», «armar em mestre». Peço desculpa, sim, mas a categoria deste periódico a isso me obriga.

**Q**UANTO à criança, sim. Outra vez de alma e coração com o meu amigo Luís, e agora sem reparos. Não há ali adjectivo que não esteja no seu lugar. Ele já se trabalha muito nesse campo social. O Menor há muito que é sujeito a leis especiais e como tal julgado. As nações cristãs têm olhado e olham para ele com interesse e alguma aflicção. Sim. Muito se tem feito. Muito se está realizando. Mas o Estado é máquina. A alma está na Obra de Assistência particular. A gente fere-se, meu senhor, e o sangue acode. É lei da Natureza. De uma vez, *feri-me* no Porto. Eram cinco garotos da rua, aninhados na rua, a comer despojos de fruta. Ali estava o Mercado do Anjo, tenho pena. Ali nasceu a Casa do Gaiato do Porto! A conversa que tivemos, a fruta que comemos, a fome que os garotos traziam, farrapos que vestiam, tudo isto fez a *ferida* e o sangue acudiu!

**Q**UANDO hoje leio cartas como esta e muitas mais que se não publicam; quando hoje, após a afluência de visitantes à nossa Aldeia, o carinho prestado aos seus habitantes, o entusiasmo pela Casa do Gaiato de Lisboa, a boa aceitação dos peditórios, os caminhos abertos por toda a parte, as almas impacientes por mais e melhor; quando sinto tudo isto, digo, vou logo direitinho à raiz: a gente *fere-se* e o sangue acode! Sem golpes não há sangue. Sem amor não há golpes. Sim, meu senhor, sinta como escreve. Seja revolucionário.

*Padre Acílio*

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)



Grupo dos baptizados.

Padre Acílio

## O Padre Rafael

Continuação da página 1

Queremos recordar que o nosso Padre Telmo tem quase 82 anos e mais de 50 deles de sacerdote quase todos dedicados aos Pobres, aos Gaiatos e à Obra da Rua principalmente na Casa do Gaiato de Malanje, em Angola.

A vinda deste companheiro é um belo «prémio» que o Senhor vai colocar ao seu lado como garantia de continuidade do seu trabalho na Obra, ali, em Malanje.

Este gesto da Igreja de Saragaça, é também um desafio para todos nós, por cá; uma interpelação vocacional: Deus não Se deixa vencer em generosidade.

Que o Padre Rafael, filho desta Igreja nossa irmã, em Espanha, seja abençoada. Que o Senhor o guarde. O seu gesto de partir vale-nas como estímulo, e sabema-la de interpelação para muitas.

Padre João

# Cinquenta Anos

**F**Á-LOS hoje, Dia do Santo Cura d'Ars, que a Igreja, pela palavra de D. António Ferreira Gomes, Se comprometen com a Obra da Rua em hora e em contexto de solenidade: a Festa anual das Ordenações.

Naqueles anos era o primeiro Domingo de Agosto a data escolhida para tal, nem sei se pela proximidade à Memória litúrgica do padre apaixonante que foi S. João Maria Vianney, como que a pedir-lhe a bênção para os novos padres... Neste, de 1957, a Diocese do Porto teve o seu primeiro padre da rua; e exactamente seis anos depois, o segundo que o Senhor já levou.

Recordo algo da notícia de então n'O GAIATO: «No fim do Pontifical da Ordenação, o Senhor Bispo dirigiu-se a todos, mormente àqueles que acabavam de ser ordenados, lembrando uma palavra de S. Vicente de Paulo: 'O Povo é de quem o ama e mostra que o ama.' Daí a ânsia do Pastor de que os seus padres se dêem à obra do amor total dos homens (união substancial de

alma e corpo) para a elevação total dos mesmos homens nos caminhos de Deus.

Depois referiu-se à Obra da Rua. Quanto desejou Pai Américo ouvir aquelas afirmações. A sua vontade era que a Igreja perfilhasse a Obra, que a fizesse Sua. E ali, naquela hora, já não apenas por um consentimento tácito, por uma aprovação subentendida, mas expressa e positivamente, a Igreja tomou-a em Suas Mãos e disse, pela boca do nosso Bispo, o seu contentamento por ter um padre para nos dar. Bendito seja Deus!»

E nós sabemos quantos mais D. António gostaria de ter para nos dar, conforme as suas palavras de um ano antes, no adro da Sé, à saída das Ordenações de 1956, palavras dirigidas ao Reitor do Seminário, o Cónego Domingos de Pinho Brandão, que chamou ao pé de nós para lhas comunicar. Momentos belos, ainda hoje reconfortantes para os que vivemos, a confirmar o legado de Fé e de Esperança que Pai Américo nos deixara: «A minha Obra começa quando eu morrer».

Mas se com D. António foi maior a visibilidade da sua intervenção, não deixou de ser igualmente vivo o acolhimento e efectivo o apoio dos outros Bispos a quem estávamos especialmente ligados pelo vínculo da nossa incardinação sacerdotal e pela inserção da Obra nas suas Dioceses: Coimbra e Lisboa.

D. Manuel Gonçalves Cerejeira que, talvez por ter sido o Confessor de Pai Américo enquanto Seminarista, foi até ao fim o Bispo dos seus desabafos mais íntimos; e D. Ernesto porque era o seu Bispo — são lembrança carregada de gratidão nas nossas mentes e de afecto em nossos corações.

O amor que dedicaram à Obra e a confiança que tiveram nos pobrezitos dos obreiros que ficaram, são fundamentais para se entender o «milagre» anunciado da Obra que, em vez de acabar, «começa» então... Quem dera que «este milagre» (e «outros»...) contassem para a Beatificação do seu Fundador. Para esta graça e para quantas de que a nossa vida urge, contamos nós com os três Bispos, Manuel, Ernesto e António, como particulares intercessores que temos no Céu.

Padre Carlos

## MOÇAMBIQUE

# Trabalho missionário

**E**STEVE todo o Domingo, por não ser possível outro dia, uma equipa de Médicos sem Fronteiras, reunida com as PVHS, (Pessoas vivendo com HIV/SIDA) e as Activistas do Grupo Kumbuka. São especializados na campanha directa de combate à Sida. Mas já várias vezes têm ajudado a nossa Maria José, em cursos de formação, na área de Saúde que lhe compete e decorrem todo o ano, ao sábado, em contínua reciclagem. São Enfermeiros, Analistas, Auxiliares de Saúde, Líderes Comunitárias e Activistas.

Desta vez trouxeram consigo um porto-riquenho. Activista Mundial. Homem ainda novo, cheio de vida, mas que há dezasseis anos traz no seu corpo o terrível mal. Quando pude, desci à Massaca para a todos cumprimentar, conhecer e agradecer. É um trabalho missionário.

Ele conta a sua história e a sua luta, para quebrar os tabús de tantos dos nossos que têm medo ou vergonha de dar o seu testemunho. De uma maneira geral, a sociedade não está preparada para lidar com eles. Casos há que a família priva do seu convívio isolando-os, inclusivé dos filhos. Outros são despedidos do emprego, porque a frequente ida ao Hospital, torna-os prejudiciais e não têm coragem de se declarar doentes. Outros porque as empresas exigem atestado médico com análises, para se defenderem, quando a Lei do Trabalho, em Moçambique nomeadamente, defende todos os PVHS.

Quantas vidas estragadas, e sonhos familiares desfeitos. E tudo porque o respeito fundamental pela vida humana, por outros muitos motivos também, está muito desequilibrado aqui e o mal mete medo e repugna. Quan-

tos o contraíram inocentemente, por lhes ser aplicada uma injeção com agulha simplesmente fervida. Outros, porque tarde demais fizeram o teste, e mergulham numa angústia profunda sem regressão, outros ainda porque não seguem as recomendações médicas, sobretudo quanto a bebidas alcoólicas. Mas creio que a maior parte por carecerem de alimentação suficiente e tonificante.

A terrível aliada da Sida é a fome. A nossa grande aflição, por que este ano só colhemos oito sacos de soja, um alimento muito rico em proteínas — e não sei como acalmá-la sem recorrer à importação. Não me assusto, porque Deus está connosco.

São para já, mais de trezentas vidas que dependem dos cuidados da Maria José e dos seus colaboradores. Fiquei tão contente, quando ao fim do dia me contaram que aquele Senhor, que tem corrido mundo num esforço de fazer renascer a esperança nos desanimados, disse que ainda não tinha encontrado um trabalho tão bem organizado como o dela! Não é só profissionalismo competente, mas amor e carinho que lhes dedica. É uma paixão pela vida e dignidade dos doentes. Por obrigação e respeito, todos lhe dedicamos muita gratidão aqui e em nossa Casa.

Padre José Maria

## SETÚBAL

# Searas de milho

**A**S nossas searas de milho vão crescendo, segundo um cultivo tradicional. Ouvimos falar de modos mais avançados, científicos, na produção de plantas transformadas desde as sementes que lhes dão origem. De facto, esta não é a nossa especialidade nem o objectivo do nosso trabalho.

As searas de milho, bem como todas as plantas e animais que fazem parte deste ciclo da natureza, são um meio ao nosso serviço, direccionado para a integração do Rapaz na Comunidade que constituímos, um factor de equilíbrio das suas emoções, uma referência que o ajudará a tomar consciência da sua primazia na Criação e, mais tarde, um alarme que o chamará à responsabilidade do trabalho em seu favor e dos outros.

Estas searas valem pelo seu conjunto, não trazendo especial cuidado, a individualidade de cada planta.

Temos outra seara cuja valorização é feita exactamente ao contrário. Nela vale o indivíduo, e para ele é dirigido todo o trabalho que se faz.

Nesta seara não há dois seres iguais, cada qual é dotado de virtudes e imperfeições que não se repetem nem em grau nem em frequência.

Se em alguns a virtude desabrocha aos primeiros raios de luz, noutros não há luz natural que lhes faça brotar ao menos sinais de esperança de dias melhores. Ao contrário, neles, a luz vem mostrar as fraquezas e acicatar-nos para o muito que há a fazer... Chegaremos a ver algum fruto?

Se não conhecêssemos o que há no homem, que também somos, poderíamos desanimar e desistir de um dia chegarmos a ver.

Mas ainda que pareça impossível, a Deus não, para Ele tudo é possível. Confiamos na Sua luz.

Tal como nas outras searas, em que se alteram os génes das sementes para que produzam de acordo com o que se pretende, nós fazemos tudo para que nesta nossa seara de que agora falamos, vão ganhando predominância os génes do bem em detrimento dos do mal; vá dominando a virtude e se enfraqueça a imperfeição.

É um trabalho que não acaba. Fazemo-lo nós e eles também. É um trabalho que cabe a todos — ao conjunto da sociedade. Parece, no entanto, que esta se vem descartando, cada vez mais, desta sua obrigação; em vez de educadora, faz-se, às vezes, permissiva e, outras vezes, castigadora. São pecados sociais de ontem e de hoje que, em vez de diminuírem com o avanço da ciência e da técnica, como se esperava, os usam em proveito próprio, ao mesmo tempo que intencionalmente escondem os frutos que a luz teima em gerar.

Padre Júlio

# Benguela

Continuação da página 1

vez mais perto! Continuamos a esperar a vossa ajuda. Os que estão dentro têm o necessário. Os filhos que estão fora dependem do que temos para lhes dar. As dores mais agudas que passam pela nossa cabeça nascem nas cubatas onde vivem e nas panelas vazias.

Quando penso no vosso lar, onde nada falta, uma inquietação grande me consome. Porque quero ver-vos felizes, cada situação que se me apresenta é uma proposta à vossa generosidade. O caminho da mudança nas vidas passa pela descoberta da felicidade na partilha do que somos e temos. Ali vai outra mulher com o seu filhinho às costas e mais dois agarrados às suas mãos. Não tem outros bens. Vive na dependência total do que lhe damos, todas as semanas. O lugar certo seria a sua aldeia, no interior, como o lugar certo de muitos milhares. Perderam tudo, por causa da guerra e, agora, falta-

lhes tudo para recomeçar a vida. Por isso, ficam onde encontram esperança para o seu futuro imediato e o apoio para o crescimento dos seus filhos. Só o amor é resposta. Vamos continuar.

Padre Manuel António

# Malanje

Continuação da página 1

Temos, lá, dezoito Rapazes. Para já, não têm professores que bastem, tractores a lavrar e técnicos que conduzam. Esperemos.

\* \* \*

Encontro-me em Portugal. Irei no Setembro com o nosso Padre Rafael, de Saragoça, para a nossa Casa do Gaiato de Malanje.

Padre Rafael vai para ficar. Os Rapazes gostam muito dele. Valiosa ajuda à nossa Obra!

— O que precisais mais, neste momento? — atirou-me um amigo.

— Ora, uns euros que sobrem, para comprar leite para os Rapazes...

Ele sorriu.

Padre Telmo

## PENSAMENTO

Muitos, por causa do meu Nome, não-de julgar fazer bem ao mundo, perseguindo-vos até à morte, ensinara Aquele que vê tudo no presente. Tinha chegado a este homem o feliz momento de ouvir estas verdades e a mim o de me vingar dele à maneira do Evangelho.

PAI AMÉRICO